

ROUSSEAU E O MÉTODO NO SÉCULO XVIII FRANCÊS

Nívea Daniela Santos Moura
Aluna de pós-graduação do PRODEMA/UFS

Resumo: *Este artigo tece algumas considerações sobre o método utilizado por Rousseau, no contexto da ciência do século XVIII, ao realizar os seus estudos acerca da natureza humana. Diante de um século que enaltecia a primazia da razão, no Discurso Sobre as Ciências e as Artes, ele defende a idéia de que a ciência não deveria reduzir o humano à razão, porque esta é apenas uma parte da essência humana. Razão e sensibilidade formam os dois laços que unem a humanidade. No Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens, Rousseau exalta o coração em detrimento da razão, valorizando a subjetividade do homem. Através de um método hipotético, ele fez um resgate da natureza humana, e por meio desse procedimento o filósofo vislumbrou uma outra dimensão do homem, esquecida pela ciência de então.*

Palavras-chave: Rousseau - Método - Subjetividade Humana.

Abstract: *This article makes some considerations about the method used by Rousseau in the context of the science of the XVIII century, when accomplishing its studies concerning the human nature. Before a century that ennobled the primacy of the reason, in the Speech About the Sciences and the Arts, he's defended the idea that the science should not reduce the human to the reason, because this is just a part of the human essence. Reason and sensibility form the two liaisons which unite the humanity. In the Speech About the Origin and the Foundations of the Inequality Among the Men, Rousseau exalts the heart in detriment of the reason, valuing the man's subjectivity. Through a hypothetical method he's made an extract of the human nature, and by that procedure the philosopher shimmered another dimension of the Man, forgotten by the science of that age*

Keywords: Rousseau - Method - Human Subjectivity.

1- INTRODUÇÃO

O modelo científico do iluminismo europeu foi marcado pela confiança do homem na razão, e no poder que ela apresentava para realizar os desejos que possibilitassem tornar melhor a vida do homem.

Nesse contexto, Rousseau concebe a necessidade de estabelecer outros critérios para realizar o estudo sobre os fenômenos. Pois, de acordo com o genebrino, cada ser possui uma essência e, no caso do homem, ela estaria representada através de suas virtudes, presentes na sua sensibilidade.

A partir da valorização das virtudes humanas, ele recorre a um método hipotético para descrever os aspectos mais elementares da essência do homem, desvendando características que estão para além da razão.

Por isso, o intuito deste artigo consiste em analisar o método utilizado por este filósofo, considerando o contexto da valorização do conhecimento científico do século das luzes.

Para a elaboração do artigo foi necessário realizar um levantamento bibliográfico referente à problemática aqui proposta, utilizando obras de Jean-Jacques Rousseau, bem como de seus comentadores, pois o trabalho baseia-se numa reflexão sistemática que visa investigar conceitos e fundamentos através da análise de textos, a fim de alcançarmos reflexões que possam contribuir às análises acerca da problemática em questão.

2- AS CIÊNCIAS E AS ARTES NO SÉCULO XVIII FRANCÊS: ROUSSEAU EM DEFESA DAS VIRTUDES

No chamado iluminismo francês Jean-Jacques Rousseau se opôs ao otimismo que se estabeleceu em seu tempo. Pois os ideais deste período, de uma forma geral, estavam centrados na utilização da razão como único meio para alcançar a verdade sobre homem e o mundo.

No *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, o cidadão genebrino, por meio de suas críticas, evidenciou o seu repúdio aos efeitos das ciências e das artes, que segundo este pensador, escondiam e ao mesmo tempo alteravam os verdadeiros valores intrínsecos à natureza humana.

Grande parte dos iluministas considerava que o perfil do cidadão de Genebra era marcado por um radicalismo exacerbado. Porém, ousamos afirmar que, tal interpretação, não foi senão incorreta. Porque o pensador genebrino não deve ser entendido e limitado a um detrator dos avanços da civilidade, muito menos a um estudioso alheio a todo e qualquer conhecimento que estivesse associado à ciência.

Quando analisava estas questões, Rousseau direcionava um tratamento totalmente diferente, vislumbrando uma nova visão, que estava para além da racionalidade. Ao invés de desvendar os mistérios dos fenômenos através da

razão, o filósofo se comprazia em apreciar o que eles tinham em sua essência, não os via pura e simplesmente, como instrumento investigativo, e muito menos de dominação. Em suas análises, o genebrino exalta o coração em detrimento da razão.

Seu apelo apaixonado aos valores humanos transparece, de forma notável, quando o filósofo demonstra suas verdadeiras intenções manifestadas da seguinte forma:

Oh! Virtude, ciência sublime das almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecer-te? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? E não bastará, para aprender tuas leis, voltar-se sobre si mesmo e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões? Aí está a verdadeira filosofia (Rousseau, 1983, p. 352).

Para o filósofo, aí está o caminho que também deve ser considerado pelos estudiosos ao analisar o homem. Nesta passagem, o pensador genebrino aponta, sem temor algum, a virtude como a ciência das almas singelas, pois para ele, ela deveria ser ressaltada. A virtude deve ser entendida a partir de um compromisso com os princípios intrínsecos do homem, os sentimentos.

Ameaçando dissolver as formas de pensamento estabelecidas em seu tempo, Rousseau ultrapassa os seus limites. Ele resgata e enfatiza a linguagem essencial e simples dos sentidos e da paixão. Isso despertou uma reação dos iluministas, preocupados em manter a sua autoconservação intelectual. Em uma de suas análises Rousseau afirma:

Somente depois de ter visto as coisas de perto é que aprendi a pesar-lhes o valor e, embora nas minhas pesquisas sempre encontrasse *satis eloquentiae, sapientiae parum*¹ foram-me necessárias muitas reflexões, observações e muito tempo para destruir-se em mim a ilusão de toda essa inútil pompa científica (Rousseau, 1983, p. 419).

Toda a análise deste filósofo está direta e prioritariamente associada à ênfase aos valores mais profundos da natureza humana. Essa posição constitui um dos pilares fundamentais de sua concepção, pois, suas abordagens, no *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, apontam que a sociedade de sua época havia substituído tais valores pelo conhecimento intelectual.

Nesse sentido, Rousseau recorre à exaltação das características mais elementares, não valorizadas por seus contemporâneos. O filósofo expõe, com pesar, o fosso que se abre entre o homem e as coisas naturais, e nesse caso, o racionalismo das ciências tornou-se componente inegável para a artificialização da vida humana. Para ratificar esse pensamento Kawana afirma que:

Em suas obras, Rousseau critica o século XVIII francês e o racionalismo que ele percebe como um obstáculo para a comunicação entre as almas. Ele rejeita sua valorização do refinamento, da elegância, da capacidade de tratar as paixões como ilusões e de suprimi-las” (Kawana, 2006, p. 126).

Para o filósofo, apesar de tudo, as ciências e as artes também trazem avanços, e por isso ele não as despreza em si mesmas, muito menos as considera inúteis, pois, o que o filósofo questiona são os seus efeitos. Assim ele afirma “Não é em absoluto a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude que defendo perante homens virtuosos” (Rousseau, 1983, p. 333).

O filósofo genebrino transforma o que era considerado um avanço, em símbolo de decadência, pois a ciência vai de encontro com as verdadeiras intenções naturais. Ao analisar Rousseau, Starobinski demonstra que a preocupação do pensador genebrino está essencialmente voltada para a preservação dos valores, pois, nesse contexto, o mal não se encontra necessariamente no saber racional, mas na separação da razão e da virtude, que acaba, por assim dizer, estabelecendo a desintegração da totalidade que constitui o humano.

Nesse sentido, ao atribuir maior importância à virtude, a razão em Rousseau fica em segundo plano. Suas idéias eram originais, opostas àquelas dominantes em seu tempo. Para ele, a virtude deveria estar fundamentada na voz da consciência humana e não na experiência.

Contudo, não há dúvida de que as análises de Rousseau vislumbraram uma outra dimensão acerca das ciências e das artes. Sua defesa em relação à virtude o fez perceber o grau de desnaturação do homem. O filósofo valorizava as coisas mais singelas que permeavam os fenômenos, não quis, em momento algum, que voltássemos aos primórdios, pois ele reconhecia o valor das ciências e das artes. Mas, para o pensador, a ciência deveria ampliar os seus limites. Ao analisar essa questão Cassirer afirma que:

Jamais - frisa o escrito *Rousseau Juge de Jean-Jacques* - o ataque à arte e à ciência teve o objetivo de lançar a humanidade de volta à sua primeira barbárie. Ele jamais teria podido conceber um plano assim tão estranho e quimérico. ‘Nos seus primeiros escritos tratava-se de destruir a ilusão que nos enche de uma admiração tão tola pelos instrumentos de nosso infortúnio; tratava-se de corrigir aquela avaliação ilusória que nos faz acumular de honras talentos perniciosos e desprezar virtudes benéficas’ (Cassirer, 1999, p. 54).

A sua intenção era expressar o que estava além da aparência das coisas e, sobretudo, do homem. Não se trata propriamente de estabelecer um sentimento de revolta contra a razão e as ciências. Trata-se, primariamente, de conceber outros aspectos capazes de envolver o sentimento virtuoso da essência humana.

Contudo, Rousseau não via apenas o sentido quantitativo, mas também o qualitativo, que envolvia a totalidade do real. De certa forma, ele antecipa as questões acerca da subjetividade dos fenômenos, sobretudo do humano, ou seja, encontramos em Rousseau as raízes, ainda não declaradas, da busca pela subjetividade.

Para o cidadão genebrino, tornou-se imprescindível ir além das aparências, foi preciso desvendar, no âmago dos fenômenos, outros valores que a ciência por si só não conseguiu vislumbrar. Nesse caso, ir além, para Rousseau, significava desvendar a essência, o invisível, o não palpável. Enfim, era preciso trazer à luz os elementos que escapam do conhecimento imediato.

3-O MÉTODO DE ROUSSEAU PARA DESCREVER O HOMEM NATURAL

Propondo-se examinar os fundamentos da sociedade, Jean - Jacques Rousseau se reportou ao estado natural do homem. A fim de julgar de forma correta a condição humana, Rousseau se dispôs a falar, como ele próprio ressaltou, de um estado que não mais existe, talvez nunca tenha existido e provavelmente jamais existirá.

A partir da concepção de um estado inexistente, no *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, Rousseau conseguiu alcançar a noção da alienação atual dos homens. O que este filósofo mostra, a partir dessa descrição, é como se dão as transformações das relações do homem com a natureza e com o próprio homem.

Para fundamentar os seus escritos, o filósofo analisou o homem selvagem, e ao descrever as principais características deste homem, considerou os seus aspectos físicos e morais. Com base nesses princípios poderíamos afirmar que o filósofo estabelece a feição da perfeição humana, já que ele considerou a noção de um homem bom por natureza: o bom selvagem de Rousseau.

Suas idéias foram conduzidas por meio de uma hipótese, porque o filósofo não concebia que a história da humanidade tenha ocorrido tal como contavam os historiadores e filósofos do seu tempo. Pois para ele, estes descreviam o estado natural através de uma projeção de si mesmos, ou seja, descreviam o homem social pensando estar descrevendo o natural, transportando para o estado de natureza noções que tiraram da sociedade. Contudo, eis a sua preocupação: "Evitemos, pois, confundir o homem selvagem com os homens que temos diante dos nossos olhos" (Rousseau, 1987-88, p. 45).

E para desvendar a verdadeira natureza humana, o filósofo toma como palco de suas reflexões a natureza física. Sua exaltação pela natureza o levou a deleitar-se em um ambiente bucólico. E nesse ambiente, o cidadão de genebra parecia ter vivido no estado de natureza, quando se reportou aos comportamentos dos homens que possivelmente tenham vivido nessa época. Para caracterizá-los, o filósofo volta-se a si mesmo; distanciando-se da cidade em que morava, centrado em reescrever a história dos homens, isola-se em uma floresta.

Longe do mundo civilizado, começa, por assim dizer, a descrever esse período, acreditando aproximar-se do estado originário. É na natureza que Rousseau vê significado, ela representará o espelho do homem e de suas memórias. Assim, nada melhor do que o próprio pensador para confirmar seu passeio pela natureza física, para que nela penetrasse na natureza humana:

Para meditar à vontade sobre esse assunto, fiz uma viagem (...) Todo o resto do dia, metido pela floresta, procurava e encontrava as imagens dos primeiros tempos, cuja história traçava altivamente (...) ousava desnudar a natureza deles e comparando o homem ao homem natural, mostrava-lhe, com pretensa perfeição, a verdadeira fonte das nossas misérias (Rousseau, 2008, p. 354).

Para Rousseau, foi preciso consultar o seu íntimo para chegar ao estado originário, ele conta a história por senti-la em si mesmo. Portanto, é ao seu *Eu* que Rousseau se reporta ao descrever o estado de natureza, ele faz um movimento em direção à natureza dos homens e assim a descreveu, tal como a sentia em si mesmo. Nesta passagem, Starobinski analisa essa valorização da subjetividade de Rousseau quando afirmou que:

A natureza não é o tema objetivo colocado e explorado por um pensamento discursivo; ela se confunde com a mais íntima subjetividade do sujeito falante. Ela é o eu, e a tarefa que Rousseau se atribui não é mais, doravante, de discutir com os filósofos, os juristas e os teólogos sobre a definição da natureza, mas de narrar-se a si mesmo (Starobinski, 1991, p.282).

Em certo sentido o filósofo convidou-se a visitar a fonte da auto-reflexão e do autoconhecimento. Como foi possível observar, ele concebe que é no próprio homem que se encontra a sua verdadeira natureza. Diante disso, é preciso lembrarmos que quando descreveu o selvagem, em momento algum ele idealizava um retorno ao estado natural. Quando se reportou ao estado de natureza, o cidadão de Genebra fez um movimento em direção às origens, como se nele palpitasse uma bússola interior. O seu *Eu* é por si mesmo a memória de sua origem. Ao voltar-se a si mesmo o doce sentimento da natureza renasce. Rousseau procura e encontra a essência oculta do homem. Para Bénichou:

O que se pode dizer de Rousseau é que ele refez este percurso em pensamento conduzindo-o para o mais longe que ele pode vislumbrar e que para reencontrar o homem natural, despojou de toda técnica, de toda organização social (...) em

suma, na regressão conjectural em direção a um modo elementar de existência humana, ele foi tão longe quanto lhe foi possível divisar nessa aurora da humanidade (Bénichou, 1984, p. 1-2).

Contudo, seria necessário sair da história para ver nascer a história do homem. Trata-se de delimitar uma história provável, relacionada às condições de origem e desenvolvimento da humanidade. Para Fortes, Rousseau interpretou a humanidade desde seus primórdios até os dias de hoje, pois ele reconstituiu estágios perdidos na evolução² do homem para definir como era ele no princípio e como teriam ocorrido as alterações.

Para tanto o filósofo desempenhou um papel original dentre aqueles que se dispuseram a falar da natureza humana. Nesse momento, ele começa a contar a história da humanidade segundo os termos em que acreditou ter ocorrido, foi preciso então transcender os fatos. Assim ele afirma:

Começamos, pois, por afastar todos os fatos, pois eles não se prendem à questão. Não se devem considerar as pesquisas, em que se pode entrar neste assunto, como verdades históricas, mas somente como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar a verdadeira origem e semelhantes àquelas que, todos os dias, fazem nossos físicos sobre a formação do mundo (Rousseau, 1987-88, p.40).

Para Rousseau, conhecer a história dos homens significava conhecer o coração humano, acima de qualquer coisa. Era preciso se despojar de todo e qualquer preconceito, livrar-se das máscaras dos homens, que estavam muito aquém de sua própria realidade.

Por isso, Rousseau não se ateu aos relatos dos historiadores. As críticas do filósofo revelam que, é sob o olhar do historiador que a história dos homens é narrada. Segundo o pensador genebrino estes estudiosos se acomodam e enfeitam com detalhes os acontecimentos, que são, na maioria das vezes, julgados.

No entanto, não se pode fazer uma generalização da posição rousseuniana acerca dos historiadores, pois ele afirma que alguns dentre estes como Plutarco, Tucídites e Heródoto podem ser considerados modelos de historiadores, porém, o filósofo considera que eles ainda tiveram seus defeitos, mas muito menos que os demais, enfim, a história para Rousseau é em geral defeituosa.

Vimos que conhecer a história dos homens a partir de tais critérios não foi, em momento algum, intenção de Rousseau, mas por outro lado cabe-nos questionar até que ponto o pensador genebrino diferencia-se de tais historiadores?

Este filósofo delimita os fatos que a humanidade trilhou, isso não deixou de ser um julgamento. Pois neles, o genebrino coloca a sua visão de mundo. Segundo Bénichou, "Seu discurso é histórico do início ao fim" (Bénichou, 1984, p. 2).

Ao formular suas reflexões a partir dessa hipótese, Rousseau fez questão de ir em busca de um mundo que não mais existia. Desproveu-se dos fatos, porém, delimita a reconstrução da história dos homens. Não toma como referência os historiadores tampouco os relatos dos viajantes. E, portanto, afirma:

Oh homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouve-me; eis tua história como acreditei tê-la lido não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que jamais mente. Tudo que estiver nela será verdadeiro; (...) Os tempos que vou falar são muito distantes; como mudaste! (...) uma idade em que o homem individual gostaria de parar; de tua parte, procurarás a época na qual desejarias que tua espécie tivesse parado. Descontente com teu estado presente, por motivos que anunciam à tua infeliz posteridade maiores descontentamentos ainda, quem sabe gostaria de retrogradar. Tal desejo deve constituir o elogio de teus primeiros antepassados, a crítica de teus contemporâneos e o temor daqueles que tiveram a infelicidade de viver depois de ti (Rousseau, 1987-88, pg.41).

Aqui, o próprio filósofo afirma que irá contar a verdadeira história dos homens. Como não enquadrar Rousseau entre eles? O que o diferenciou dos demais? Segundo o cidadão de Genebra, ele direciona suas análises para responder o que os historiadores e outros estudiosos não conseguiram responder.

Por isso, não se pode negar que, o privilégio de conseguir enxergar além, o fez vislumbrar a natureza humana como jamais foi analisada. Sua preocupação não se limitou a retratar um bucolismo exagerado, mas enfatizou os valores humanos, que segundo o filósofo foram perdidos quando se instaurou o progresso. São estes valores que permeiam o homem natural e o permite viver em plena harmonia tanto com seu semelhante quanto com o meio onde vive.

Rousseau adotou um caminho totalmente diferente para resolver essa questão. Conhecer o homem em sua natureza, em sua essência é ir além daquilo que existe historicamente, e para isso foi preciso ir ao encontro de um estado inexistente. "Rousseau evoca uma dimensão do homem para além do intelecto e dos sentidos: é preciso levar em conta o homem em sua totalidade, como coração, como sensibilidade moral" (Fortes, 1996, p. 34).

Foi assim que Rousseau recusou os fatos traçados pelos historiadores, pois, na visão do pensador estes fatos eram distorcidos, limitados, seleciona-

dos e julgados. Por isso, ele buscou mostrá-los tal como acreditou ter ocorrido, da forma mais natural possível. A força do imaginário de Rousseau o fez enaltecer os valores morais intrínsecos ao homem, que poderiam ser sentidos em seu próprio ser. Pois:

O sentimento como instrumento de penetração na essência da interioridade é outro dos elementos estruturais do pensamento de Rousseau. Núcleo central de todo pensar filosófico, constituiria a chave com que se pode compreender toda a natureza e alcançar misticamente o próprio infinito. Deixar de lado as convenções da razão civilizada. E emergir no fundo da natureza através do sentimento significa elevar-se da superfície da terra até a totalidade dos 'seres, ao sistema universal das coisas, ao ser incompreensível que a tudo engloba'. Perdido o espírito nessa imensidão, o indivíduo não pensa, não raciocina, não filosofa, mas sente com voluptuosidade, abandona-se ao arrebatamento, perde-se com a imaginação no espaço e lança-se ao infinito (Machado, in. Rousseau, 1983, p. XIV).

Confiando em seus sentimentos Rousseau direcionou sua preocupação ao homem. Ele questionava sobre a condição humana, pois buscava entender o que tinha sido o homem em seu estado natural e em que tinha se transformado quando passou a viver em sociedade. Contudo, explicar como a sociedade chegou a um nível tão elevado de corrupção o fez dar um passo além, frente aos demais iluministas. Buscar a verdadeira essência da natureza humana foi o que motivou este filósofo a penetrar em seu próprio íntimo. E, de forma ímpar, ele revela que cada ser possui os valores mais elementares, que se encontram velados em cada um de nós.

Destituindo-se dos fatos, ele acreditou ter vislumbrado, da forma mais plena e elementar, o homem natural. A lembrança de sua própria natureza passou a ser testemunha desse estado inexistente e, por meio desse procedimento ele encontra no homem natural o símbolo de si mesmo. Em suas análises, o cidadão genebrino exalta o coração em detrimento da razão, vislumbrando uma outra dimensão esquecida pela ciência de então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERY, Maria Amália. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, São Paulo: EDUSP, 1988. 446 p.

BECKER, Evaldo. *Questões acerca da história em Rousseau*. Cadernos de Ética e Filosofia Política n.8.São Paulo, 1 semestre de 2006, publicação semestral-ISSN 1517-0128.

BÉNICHOU, Poul. *Reflexões sobre a idéia de natureza em Rousseau*. Anais da Sociedade J. - J. Rousseau. (1972-1977), XXXIX, 1979.

CASSIRER, Ernst. *A Questão de Jean-Jacques Rousseau*. Trad. Erlon José Paschoal, Jézio Gutierrez; revisão da tradução, Isabel Maria Loureiro. – São Paulo: Editora UNESP, 1999. – (Biblioteca Básica).

FORTES, Luis Roberto Salinas. *Rousseau: O Bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1996.

KAWANA, Karen Kazue. *Natureza dividida: considerações sobre a idéia de natureza no século XVIII e sua influência na formação do pensamento romântico*. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

MATOS, O.C. F. *O Pensamento Político de Jean-Jacques Rousseau*. Extensão – Cadernos da Pró- Reitoria de Extensão da PUC-MG, Belo Horizonte, v.I, n. I, pp.5-27, 1991.

_____. *A Teoria Social no Pensamento Moderno: Rousseau*. Epistemologia das Ciências Sociais São Paulo – Cadernos PUC, São Paulo, n.19,pp. 51-71, 1984).

PRADO JR, Bento. *"Filosofia, Música e Botânica: de Rousseau a Lévi-Strauss"*. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 15-16, p.173-182, 1968.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica*. São Paulo: UNESP, 1992. 389 p. (Biblioteca básica).

ROUSSEAU, J. *Confissões*. Tradução Raquel de Queiroz e José Benedicto Pinto. –Bauru, SP: EDIPRO, 2008. –(Clássicos Edipro).

_____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Nova Cultural, (Os Pensadores)1987-88.

_____. *Do Contrato Social; Ensaio Sobre a Origem das Línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso Sobre as Ciências e as Artes/* São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores)1983.

_____ *Emílio, ou, da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. Trad. de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª ed., 1995.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: A Transparência o obstáculo*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

